

## OS REINOS SUDANESES - PUJANÇA ECONÔMICA E CULTURAL NA ÁFRICA MEDIEVAL

*Flora Romero*

*Universidade Estácio de Sá (RJ)*

**Resumo:** Analisa-se a formação histórica e o desenvolvimento econômico e cultural dos Reinos Sudanese de Gana, Mali e Songai que se formaram nas margens dos rios Níger e Senegal, na África Ocidental, durante a Idade Média (séculos VIII e XVI). É reconhecido o papel do Islã e dos árabes no desenvolvimento desses povos e na divulgação de sua cultura e civilização. Defende-se que, em razão de sua importância histórica, política, econômica e cultural, esses impérios medievais do Sudão Ocidental, merecem ser melhor estudados pela historiografia, inclusive a brasileira, já que o país deve muito de sua formação, economia e cultura à contribuição dos povos africanos.

**Palavras chave:** Sudão Ocidental, Idade Média; África, História; Gana; Mali; Songai.

### INTRODUÇÃO

Embora se considere a África como o berço da humanidade, pouco se fala sobre sua história. Uma visão negativa da África, criada para justificar o tráfico negreiro, fez com que se estabelecessem preconceitos sobre esse continente e pouco, ou nada, se ouve falar sobre as grandes civilizações que lá floresceram.

Segundo Coquery-Vidrovitch,

Deparamos, em última análise, com as lacunas dos conhecimentos medievais: salvo raras exceções, nem os homens nem os lugares eram conhecidos e, ainda menos, compreendidos, embora os árabes fossem, nesse domínio, muito superiores aos viajantes europeus que iriam substituí-los. [...] menos

sábios ou sistematicamente “interessados” que os árabes, os europeus não fizeram mais do que agravar, de uma forma que repercutiu durante séculos, a incompreensão de que eram objeto os povos negros, desconhecidos e pagãos, portanto duplamente desprezíveis.<sup>1</sup>

No caso brasileiro, o conhecimento da história dos povos africanos tem um papel de grande importância para o que Del Priore e Venâncio<sup>2</sup> denominam de reconstrução da imagem e da visibilidade de amplos segmentos de nossa população, cujos descendentes ainda desconhecem sua própria história.

Algumas dessas culturas se desenvolveram e prosperaram a ponto de se tornarem impérios e as civilizações desenvolvidas às margens dos rios Níger e Senegal, conhecidas como Bilad Al Sudan (ou “terra dos negros”), tornaram-se muito ricas, em decorrência de sua localização em importantes rotas comerciais e de suas enormes reservas auríferas, mantendo comércio vigoroso com países islâmicos e com a Europa por cerca de sete séculos, na Idade Média.

Por terem sido os árabes grandes comerciantes, foram também os grandes difusores da história desses impérios e os responsáveis pelo conhecimento que hoje se tem sobre eles.

Esses impérios – Gana, Mali e Songai – são conhecidos como “reinos sudaneses”, ou “impérios do Sudão Ocidental”.

## **GANA**

---

1 COQUERY-VIDROVITCH, Catherine. O Islão: mercadores e geógrafos. In: A descoberta de África (cap. 2). Lisboa: Edições 70, 2004. p.58.

2 DEL PRIORE, Mary; Venâncio, Renato Pinto. Ancestrais: uma introdução à História da África Atlântica. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

Gana foi o primeiro império do Sudão Ocidental de que se tem notícia. O geógrafo árabe-andaluz Al Bakri deixou registrado em sua obra *Book of Roads and Kingdoms* (Livro de Rotas e Reinos) muitos textos que tratam da grandeza do império Gana, embora nunca tenha visitado a região.

O nome do império deriva de Ghana, que significa “chefe-de-guerra”, e foi, inicialmente, a designação dada ao soberano desse povo. O império de Gana ocupava uma grande extensão de terras que hoje corresponde à Mauritânia, ao sudeste do Mali e ao norte do Senegal. De acordo com Giordani <sup>3</sup>, segundo a tradição coletada no século XVII, Gana foi governada por várias gerações berberes de raça branca até que, em 790, uma dinastia negra foi fundada. Foi durante o reinado de três séculos dessa dinastia negra que Gana atingiu seu apogeu.

De acordo com Lambert <sup>4</sup>, os povos da África Subsaariana produziam ouro em grande quantidade, mas necessitavam de sal, que era produzido na África do Norte, por sua vez, carente de ouro. Gana se encontrava no meio desse caminho, em um ponto estratégico para servir de intermediário nessas trocas e, assim, o desenvolvimento do comércio pelas rotas transaarianas proporcionou o desenvolvimento de Gana, que comercializava tecidos, cobre e, principalmente, ouro.

Foi o ouro que fez o império de Gana ficar conhecido e o projetou internacionalmente. Giordani relata que, durante toda a Idade Média, Gana foi o principal fornecedor de ouro para os países do Mediterrâneo. As caravanas de camelos que cruzavam o deserto não apenas ligavam o império à Europa e

---

<sup>3</sup> GIORDANI, Mario Curtis. *História dos Povos Africanos*. In: *História da África*. (cap. 5). Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

<sup>4</sup> LAMBERT, Jean-Marie. *História da África Negra*. Goiânia: Editora Kelps, 2001.

ao Oriente, como ajudavam a difundir a fama de Gana como “terra do ouro”. O rei de Gana controlava essas rotas cobrando impostos dos comerciantes. Para esse autor,

O controle comercial de Gana não se limitava à rota saariana: estendia-se para leste, ao longo do Níger, até o Sudão Central, e para o oeste, até o Oceano Atlântico.<sup>5</sup>

De acordo com os relatos de Al Bakri, percebe-se que o império possuía métodos sofisticados de taxaço de mercadorias, grandes exércitos e o monopólio sobre as minas de ouro.

No século X, o império foi dominado por Soninke, que estendeu a soberania de Gana do Senegal à curva do Níger e à orla do Saara. A capital do império, Kumbi Saleh, era, segundo Al Bakri, composta de duas partes: a cidade imperial, que incluía, além do castelo real, as residências de grandes oficiais do governo, e a cidade comercial, onde predominavam comerciantes árabes, com seus estabelecimentos de negócio, e existiam mesquitas e centros de ensino.

No século XI, um exército almorávida invadiu e conquistou a capital do império. Com isso, os mouros procuravam se livrar do peso dos impostos e controlar as minas auríferas. Após a morte do líder almorávida e em decorrência de lutas intestinas, Gana reconquistou sua independência, mas não conseguiu se reerguer à grandeza de outrora. No século XII foi subjugado pelo povo Sosso e anexado, por Sundiata, ao império Mali.

---

<sup>5</sup> GIORDANI, Mario Curtis. História dos Povos Africanos. In: História da África. (cap. 5). Petrópolis: Editora Vozes, 1985. p. 102.

O legado de Gana, que durante sete séculos exerceu sua autoridade sobre um território quase tão vasto quanto o da Europa Ocidental, ainda hoje é lembrado, sendo homenageado pelo nome da República de Gana, embora o país atual não tenha nenhuma relação histórica com o império de séculos atrás.

### **MALI**

O rei Sosso que havia conquistado Gana, Sumanguru Kante, expandiu suas fronteiras e invadiu a região onde habitavam os povos mandinga, massacrando a família do rei que estava no poder. Apenas um filho do soberano, Sundiata Keita, escapou. Refugiado em regiões vizinhas, depois de adulto organizou um exército e voltou para o Mali, derrotou Sumanguru Kante e retomou o poder. Esse foi o marco inicial da ascensão do império Mali e o estabelecimento de uma dinastia que reinou do início do século XIV ao final do século XVI.

Para Coquery-Vidrovitch <sup>6</sup>, ao contrário de Gana, o poderio do Mali se assentava no Islã, pois os mandingas já haviam se convertido há mais de cem anos. Com a vitória de Sundiata, o Islã reaparece na história do Mali.

Com a morte de Sundiata, assassinado, seu filho assume o poder e traz para o controle do império Mali as cidades de Ualata, Tombuctu e Djenné <sup>7</sup>, mas sua falta de habilidade para governar abriu caminho para que um escravo, chamado Sakura, tomasse o poder. Esse permanece pouco no poder e, quando da sua morte por assassinato, o sobrinho de Sundiata, Abubakari II, assume

---

<sup>6</sup> COQUERY-VIDROVITCH, Catherine. O Islão: mercadores e geógrafos. In: A descoberta de África (cap. 2). Lisboa: Edições 70, 2004.

<sup>7</sup> COSTA E SILVA, Alberto. A enxada e a lança: a África antes dos portugueses (3. ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

o governo. Assim a dinastia Keita volta a reinar no Mali, mas foi o filho de Abubakari II que leva o Mali ao seu apogeu: Mansa Mussa.

De acordo com a tradição oral, Mansa Mussa foi o primeiro soberano de Mali a abraçar verdadeiramente a fé islâmica. Ao fazer uma peregrinação à Meca, Mansa Mussa passou pelo Cairo onde causou uma impressão tão forte que permaneceria nos comentários dos locais por mais cem anos <sup>8</sup>. Mansa Mussa gastou tanto ouro no Cairo que a moeda egípcia ficou desvalorizada. A riqueza da caravana e a gentileza de Mansa Mussa repercutiram a ponto de aumentar a influência islâmica no Sudão Central e Ocidental e de difundir o conhecimento do império pela Europa. <sup>9</sup>

A riqueza do Mali atraiu letrados árabes e contribuiu para a modernização de cidades como Tombuctu que, na época, era comparável a Córdoba como grande centro intelectual. <sup>10</sup> Enquanto a Europa mergulhava no caos da Guerra dos Cem Anos, as letras floresciam em cidades como Tombuctu, Djenné e Ualata que, além de oferecer conforto e segurança aos sábios, possuíam centros comerciais, religiosos e literários. <sup>11</sup>

Mansa Mussa estendeu as fronteiras do Mali até sua expansão máxima e a conquista de Gao levou o Mali ao seu apogeu econômico. Enquanto Gana tirava seu poder da posição de intermediário entre os produtores de sal do norte e os mineradores de ouro do sul, controlava as rotas caravaneiras e cobrava impostos, o Mali foi além, estendendo seu controle às fontes de abastecimento

---

8 LAMBERT, Jean-Marie. História da África Negra. Goiânia: Editora Kelps, 2001.

9 GIORDANI, Mario Curtis. História dos Povos Africanos. In: História da África. (cap. 5). Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

10 ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações, 1990.

11 LAMBERT, Jean-Marie. História da África Negra. Goiânia: Editora Kelps, 2001.

e administrando todos os níveis do comércio: produção, transporte e venda.

Após a morte de Mansa Mussa, o império do Mali inicia seu período de decadência que culminaria com a morte de Solimão (soberano do Mali, irmão de Mansa Mussa). Os sucessores de Solimão não foram capazes de derrotar os invasores de Songai, que tomaram as cidades da curva do Níger; nem de acabar com a guerra iniciada por tuaregues e mossis no norte e no sul do país. A chegada dos portugueses em 1450 ajudou na desorganização do oeste do império Mali que, ao fim do século XV, depois de se dividir em pequenos reinos, tinha se reduzido ao seu tamanho original.

Apesar disso, décadas depois da morte de Mansa Mussa, o viajante Ibn Battuta visitou o Mali e se impressionou com a paz e a justiça que reinavam por todo o império. É importante lembrar que o império do Mali se estendia por uma área maior que a Europa ocidental e consistia de inúmeros reinos e províncias vassalos. Assim, entende-se o fascínio de Ibn Battuta pelo governo do Mali.

### SONGAI

Previamente uma conquista mali, o reino de Gao, último grande império do Sudão Ocidental, emergiu sob o reinado de Sonni Ali. Com o enfraquecimento do Mali, Sonni Ali conseguiu conquistar muitos territórios que antes faziam parte desse império em decadência. Incorporou Tombuctu e Djenné ao seu território, trazendo para Songai, a cultura e o comércio islâmico. Lambert <sup>12</sup> afirma que, em essência, nada mudou, apenas houve um deslocamento do centro do poder para leste, mas o sistema político-comercial

---

12 LAMBERT, Jean-Marie. História da África Negra. Goiânia: Editora Kelps, 2001.

estabelecido ao longo dos séculos por Gana e Mali foi mantido (sal, ouro, cobre, controle das rotas e tributação).

Sonni Ali promoveu uma reforma no exército, que se tornou profissional, e criou uma frota para o transporte de tropas a partir do Níger. Segundo a tradição, Sonni Ali era animista e, por isso, tornou-se inimigo dos letrados muçulmanos. Sonni Ali fez um governo tão extraordinário no Songai que Giordani faz a seguinte menção em seu texto:

O rei João II de Portugal enviou-lhe uma embaixada. O nome do Sunni Ali ainda hoje se ouve com freqüência, cinco séculos depois do seu reinado, quando pessoas das savanas da África Ocidental falam do passado.<sup>13</sup>

Com a morte de Sonni Ali, várias facções muçulmanas se rebelaram contra seu sucessor e instalaram Askia Muhammad no poder. Foi durante a dinastia Askia que o império Songai atingiu seu apogeu e as cidades de Tombuctu e Djenné floresceram como centros de aprendizado e promoção do islã. Askia Muhammad fez uma peregrinação à Meca com grande ostentação e voltou com o título de “califa do Sudão”. Ele estendeu seu domínio sobre os estados haussás e os tuaregues e, assim, fez do Songai o maior império da África medieval: seu território ia do Senegal ao Bornu (Chade) e de Segu ao Saara central. A unificação de pesos e medidas, o aumento da produção agrícola e a boa administração do império atraíam comerciantes a Tombuctu e Gao.

Embora mais extenso e rico que os impérios de Gana e Mali, o Songai,

---

13 GIORDANI, Mario Curtis. *História dos Povos Africanos*. In: *História da África*. (cap. 5). Petrópolis: Editora Vozes, 1985. p. 110.

que parecia destinado a ter um longo futuro, durou pouco mais de um século. À medida que o império se aperfeiçoava, diminuía o respeito às tradições (como os conselhos de família) que davam legitimidade aos reis. Askia Muhammad, percebendo o perigo dessas mudanças, tentou apoiar-se no Islã, mas isso não foi suficiente, e acabou deposto por seu filho, Askia Daoud. Este consegue manter o império em prosperidade por mais alguns anos, mas com o perigo de invasão dos marroquinos, que haviam se apoderado das minas de sal de Taghaza, o império se enfraquece.

Em 1591, exércitos do Marrocos invadem e destroem o Songai. Apesar do curto período em que essas tropas permaneceram no território, o império foi completamente desestruturado e abandonado à própria sorte. Tombuctu e Djenné ainda conservaram, por algum tempo, sua tradição de erudição.<sup>14</sup>

### CONCLUSÃO

A localização dos reinos do Sudão Ocidental, entre o sul e o norte africanos, cada qual produzindo aquilo de que a outra região necessitava, propiciou o estabelecimento de rotas comerciais entre elas e foram essas rotas que fizeram possível o desenvolvimento dos impérios sudaneses. Estrategicamente posicionados, tiveram sua política e economia baseadas no controle lucrativo do comércio de sal e de ouro entre o sul e o norte da África.

A ascensão desses impérios foi tão rápida quanto seu declínio: todos duraram poucos séculos e, no início do século XVII, a glória do Sudão Ocidental já era coisa do passado.<sup>15</sup>

---

14 LAMBERT, Jean-Marie. *História da África Negra*. Goiânia: Editora Kelps, 2001.

15 LAMBERT, Jean-Marie. *História da África Negra*. Goiânia: Editora Kelps, 2001.

Embora diferentes entre si, Gana, Mali e Songai têm algumas semelhanças: formaram impérios, tiveram limites geográficos similares, adotaram formas de governo praticamente idênticas, estabeleceram controle da região a oeste do Níger e desenvolveram culturas avançadas.<sup>16</sup>

A chegada do Islã levou não apenas uma nova religião, mas as desenvolvidas cultura e literatura árabes a essas regiões. Assim, a importância do contato dos impérios sudaneses com o mundo islâmico não pode ser ignorada, pois ele foi parte importante da formação da economia, da política e das sociedades de Gana, Mali e Songai. Segundo Sourdel, a cultura árabe-islâmica alcançou a África negra a partir do Magreb berbere, profundamente arabizado de onde progrediu para o sul, levada pelos berberes que se mostraram seus mais ardentes propagandistas, enquanto a região do Chade era islamizada, no século XI, por árabes vindos do Egito, e o Sudão era objeto de expedições militares mais lentas.<sup>17</sup>

A partir desses esforços diversos, apareceram logo, em Tombuctu e nas margens do Níger, centros intelectuais onde, sob a direção de sábios magrebinos, estudavam-se obras árabes que tratavam sobretudo das ciências religiosas [...] em comunidades essencialmente locais e pouco arabinizadas [...] que os laços comerciais tinham originado [...].<sup>18</sup>

A historiografia africana ainda pouco estudada, talvez devido aos séculos de preconceitos com relação a tudo que venha da África, merecia mais atenção, pois tais civilizações foram parte importante do desenvolvimento do

---

16 LAMBERT, Jean-Marie. *História da África Negra*. Goiânia: Editora Kelps, 2001.

17 SOURDEL, Dominique. *História do Povo Árabe*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

18 SOURDEL, Dominique. *História do Povo Árabe*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001. p. 98.-99.

comércio entre o Oriente e a Europa e não deveriam passar quase despercebidas pela história mundial, em especial em um país como o Brasil cuja população e cultura tanto devem aos “povos negros”.

**Sudanese kingdoms - cultural and economic power in medieval Africa**

**Abstract:** The paper analyzes the historical formation and the economic and cultural development of the Sudanese Kingdoms of Ghana, Mali and Songhai, that were constituted in the edges of the Niger and Senegal rivers, in Occidental Africa, during the Medieval Age (centuries VIII and XVI). It recognized the role of Islam and the Arabs on the development of these peoples and the disclosure of its culture and civilization. One defends that, by reason of its historical, political, economic and cultural importance, these medieval empires of Occidental Sudan, deserve to be better studied, also by the Brazilian historiography, since the country ought most of its formation, economy and culture to the contribution of the African peoples.

**Key-words:** Occidental Sudan, Medieval Age; Africa, history; Ghana; Mali; Songhai.

**Sudán reinos - el poder cultural y económico en el África medieval**

**Resumen:** Se analiza la formación y el desarrollo económico histórico y cultural de los reinos sudaneses de Ghana, Malí y Songhai que se formaron en las orillas de los ríos Níger y Senegal, en África Occidental durante la Edad Media (siglos VIII y XVI). Reconoció el papel del Islam y los árabes en el desarrollo y la difusión de su cultura y civilización. Se argumenta que, a causa de su patrimonio histórico, político, económico y cultural, estos imperios medievales del oeste de Sudán, merecen un estudio más en la historiografía, como Brasil, ya que el país le debe mucho de su formación, la economía y la cultura contribución de los pueblos africanos.

**Palabras clave:** el oeste de Sudán, Edad Media, Africa, la Historia, Ghana, Mali, Songhai.

Recebido em: 09/08/2011

Aprovado em: 21/11/2011

